

OS NATIVOS RETRUCAM E A MULHER DO FIM DO MUNDO: A PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL NAS MÚSICAS DA ELZA SOARES

Autora: Luísa Cerqueira Credi-Dio [luisacredidio@gmail.com]

Orientadora: Prof. Dr.^a Fabiana Jordão Martinez [fabiana_jordão@yahoo.com.br]

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho sobre as músicas da Elza Soares a partir da discussão pós-colonial. O pós-colonialismo parte da premissa de que as categorias criadas pela ciência ocidental não são universais e põe em questão a subalternidade em que alguns povos são submetidos por aqueles que se consideram de “Primeiro mundo”, assim esta perspectiva busca analisar as consequências culturais e epistemológicas do colonialismo e contesta a hegemonia científica de determinados países.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Chandra Mohanty (s/a) a colonização se consolida no campo discursivo proveniente da academia norte-americana e europeia em que descrevem as mulheres de terceiro mundo como vítimas, pobres, ignorantes e limitadas ao espaço doméstico. Para Maria Lugones (2014), o colonialismo trouxe consigo um processo de redução ativa de povos, tanto em termos de colonialidade de poder como de gênero, tornando os seres colonizados menos humanos. Ela utiliza o termo colonialidade do poder apreendendo uma compreensão histórica da ligação entre a racialização e a exploração capitalista como fundamental no sistema de colonização das Américas. Nesse sentido, a autora define a resistência não como o fim ou meta da luta política mas sim como seu começo marca uma expressão infrapolítica - para ela, a infrapolítica marca a volta para o dentro, em uma política de resistência, rumo à libertação. “Ela mostra o potencial que as comunidades dos/as oprimidos/ as têm, entre si, de constituir significados que recusam os significados e a organização social, estruturados pelo poder.” (p. 940).

ELZA SOARES E A MULHER DO FIM DO MUNDO

Nascida em uma favela do Rio de Janeiro, Elza é hoje uma das cantoras de grande reconhecimento da música popular brasileira. Aos 11 anos de idade foi obrigada a se casar, foi mãe aos 12 e viúva aos 21, com 04 filhos. Por causa da doença de um deles foi tentar ganhar dinheiro cantando. Em sua primeira aparição na televisão quando questionada de que planeta veio, Elza responde “Vim do mesmo planeta que o senhor” [...] “do planeta fome”. Em 2015 - ano em que ficou marcado pela primavera feminista - Elza lança o disco “A mulher do fim do mundo” e em 2018 lança “Deus é mulher”.



Na música homônima ao disco, Elza anuncia: *Na avenida deixei lá / A pele preta e a minha voz / Na avenida deixei lá / A minha fala, minha opinião / A minha casa, minha solidão / Joguei do alto do terceiro andar / Quebrei a cara e me livre do / Resto / Dessa / Dida, / Na avenida, / Dura / Até / O fim / Mulher / do fim / do mundo / Eu sou / Eu vou / Até o fim / Cantar.* A música “Maria da Vila Matilde” com uma letra que retrata a violência contra a mulher: “*Cadê meu celular? / Eu vou ligar pro 180 / Vou entregar teu nome / E explicar meu endereço / Aqui você não entra mais / Eu digo que não te conheço / e jogo água fervendo / se você se aventurar*” tema em que a cantora vivenciou diversas vezes em sua vida. Em seu disco “Deus é mulher” Elza canta músicas tais como “*o que se cala*” onde ela escreve e canta “*mil nações / moldaram minha cara / minha voz / uso pra dizer o que se cala / ser feliz no vão, no triste, é força que me embala / o meu país / é meu lugar de fala*” “*pra que explorar? / pra que destruir? / pra que obrigar? / pra que coagir? / pra que abusar? / pra que iludir? / e violentar / pra nos oprimir? / pra que sujar o chão da própria sala?*” “*nosso país / nosso lugar de fala*”. Diante do avanço do neoliberalismo e os retrocessos aos direitos humanos no Brasil essa música se faz como um manifesto político. Elza cria e interpreta essa música através de uma visão de mundo e cosmologia própria, a partir de um lugar geopolítico e corpo-político marcado. Assim, Elza faz de seu trabalho um ato político, onde introduz na narrativa fatos de sua própria história enquanto sujeito subalterno, ressignificando símbolos e signos, reivindicando a alteridade e afirmando sua identidade musical por meio de uma postura contestadora e auto representativa.

REFERÊNCIAS

- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Rev. Estudos Feministas. No 22, 2014.
- MOHANTY, C.T. Sob os olhos do ocidente: estudos feministas e discursos coloniais in BRANDÃO, I. et al. Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010).